

JORNADA_{AO} INCRIVELMENTE SIMPLES

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019

ANDRÉA GONÇALVES



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
João Paulo Martorano Salvador

FOTO DO AUTOR
Cassiana Spinelli

CAPA
Cláudio J. de Souza

FINALIZAÇÃO e DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635J GONÇALVES, ANDRÉA. -
JORNADA AO INCRIVELMENTE SIMPLES / ANDRÉA GONÇALVES -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2019.

146 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-588-1

1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

PRÓLOGO

Caminhando pelas ruas, o velho sábio parou em frente a uma cafeteria e começou a ler a lenda escrita com letras brancas na janela:

“Há muito tempo existiu aqui um rei que acumulou uma grande riqueza em ouro e objetos valiosos. Com medo de que seus inimigos o roubassem, construiu um grandioso castelo muito bem protegido no alto de uma montanha. O rei passava todos os dias na sua torre observando o horizonte, com medo de um possível ataque. Dia após dia, sua obsessão aumentava, então o rei ordenou que fossem levantadas ainda mais as muralhas e que fossem construídas mais torres para observar os inimigos invasores. Assim, o rei passou toda sua vida olhando para o horizonte preocupado com uma invasão que jamais aconteceu.”

Viajante, não cometa o mesmo erro que o rei: não fique observando o horizonte com preocupações desnecessárias e com pensamentos que lhe impeçam de ver que a verdadeira riqueza está com você o tempo todo. Aprenda a identificar o que realmente é importante na sua vida e qual é a sua verdadeira riqueza. Sua fortuna estará sempre onde estiver seu coração.

O DESPERTAR

Ainda lembro daquela época em que eu vivia obcecado, querendo encontrar sentido na vida que eu levava e nas coisas que eu fazia para tentar ser feliz. Naquele tempo, ainda muito jovem, eu trabalhava sem parar e somente pensava em adquirir tudo o que o mundo me oferecia com a promessa de sucesso e felicidade. Poder e dinheiro representavam para mim a condição única para atingir a felicidade. Não pensava em nada mais além de ganhar dinheiro, e me fixei na ideia de que o dinheiro compraria absolutamente tudo o que eu quisesse, além de me proporcionar poder e controle. Acreditava que isso me deixaria plenamente feliz.

Meus desejos foram aumentando com o passar do tempo. E, com eles, também a esperança de que a minha felicidade estaria em tudo o que eu pudesse realizar satisfazendo todos os meus desejos. Eu era seduzido pelo consumo material, sempre associado diariamente às promessas de felicidade. E pensava que o mais importante era me sentir realizado materialmente, cumprindo com as metas que estabelecia e vivendo de forma exaustiva para que tudo isso ocorresse. Me preocupava com a opinião dos outros sobre aquilo que eu fazia. Quanto mais eu realizava meus desejos, mais desejava outras coisas. Assim, eu seguia uma vida ininterrupta da plena realização de caprichos e de desejos inventados que eu achava serem essenciais para viver.

O lugar onde eu trabalhava era luxuoso e confortável. Meu escritório transmitia elegância, desde o chão desenhado em mármore

até a cadeira onde eu me sentava. Tudo havia sido pensado em detalhes de luxo, ostentação e conforto para representar a riqueza e o poder diante dos que ali entrassem. O corredor era decorado com um enorme quadro de São Jorge pintado a óleo, representando sua bravura na luta com o dragão. Tudo era de muita elegância.

Meu traje brilhava no reflexo da janela cada vez que eu me levantava da cadeira para olhar os outros edifícios em frente ao meu. Todos muito iluminados, representando o trabalho incessante e sem fim de quem ali estava, dia e noite, depositando o seu tempo de vida, tal como eu.

Todos os dias, antes de ir trabalhar, escolhia uma gravata, entre tantas, de uma grande coleção que eu tinha. A cor, o modelo e o tecido deveriam estar adequados ao terno. E quando eu fazia o nó da gravata sobre a camisa branca, que tinha as minhas iniciais bordadas, me sentia grande e importante. Me olhava no espelho e admirava a mim mesmo, em um ritual diário que se completava com os sapatos de couro, o relógio e a caneta suíça que eu sempre levava comigo.

Meu nome estava escrito com letras douradas na entrada do edifício, na saída do elevador, na porta de entrada e até nos objetos, como a cafeteira e as louças que serviam os clientes. Qualquer pessoa que entrasse naquele prédio poderia sentir minha importância. Confesso que surtia muito efeito, pois eu era o primeiro a me sentir poderoso e importante: eu tinha conseguido ser alguém.

As pessoas se dirigiam a mim com as duas letras tão desejadas pela maioria das pessoas: Dr. Isso também me enaltecia ainda mais. Eu tinha hobbies caros: esquiava e gostava de jogar pôquer.

Minha cabeça era inquieta e relaxar não era algo que estava nos meus costumes, pois sempre pensava no que poderia fazer no momento seguinte.

Os anos foram passando e eu seguia nesse ritmo acelerado sem me importar com ninguém, somente me fixando nos resultados e ganhos que poderia obter. Tudo girava em torno do dinheiro e de quanto eu ganharia. Eu tinha conseguido tudo o que eu queria em bens e propriedades, mas, no final, nada mais me surpreendia, nem me interessava. Percebi que, pouco a pouco, a sensação de tanto faz aumentava e não tinha mais motivação nem desafios.

Me tornei uma pessoa distante e um homem solitário. Em todos os lugares que ia, com qualquer pessoa, eu queria sempre ter razão. Buscava o prazer imediato em tudo o que eu fazia e isso me deixou cada vez mais intolerante e superficial. Questionava o que os outros diziam, julgava com rapidez tudo e todos e não podia admitir saber menos diante de ninguém. Eu havia me tornado alguém de quem eu não gostava. E quanto mais eu desejava ser feliz, mais infeliz me convertia. Assim, a angústia e o desespero foram meus companheiros durante um longo período da minha vida.

Me convenci de que o que me faltava, então, era fazer as coisas mais comuns e habituais que todos fazem. Pensei que seria o momento de me casar, ter filhos, e que isso era o que me faltava. E com tal pensamento, como a maioria das pessoas que eu conhecia, resolvi me casar.

Com a família, vieram também mais desejos: novos carros, nova casa, coisas e mais coisas. Aumentei a família, os carros e tudo o que eu já tinha. E, assim, seguindo a vida como se ela fosse uma

lista de compras, não me dava tempo de me perguntar se eu era realmente feliz e se essa era a vida que eu desejava para mim.

Meu trabalho me proporcionava dinheiro e poder, mas, ao mesmo tempo, me gerava uma infinidade de compromissos que consumiam todo meu tempo. As coisas que eu fazia, ou estavam em função do trabalho, ou em função da família. Confesso que por algum tempo me diverti com tudo isso, mas ainda notava a sensação de que algo me faltava. Não me sentia contente nem realizado com o que já tinha. Sempre queria mais e mais.

Meus filhos cresceram, estudaram, tinham seus amigos e suas vidas, e, através deles, eu via uma repetição de um mesmo modelo a cada dia que passava. E quanto mais passava o tempo, mais eu me questionava se essa era a única e verdadeira forma de viver. Eu pensava realmente que tudo era meu, que eu dominava tudo, que mandava e controlava tudo e todos, pois o dinheiro era meu grande companheiro e meu aliado.

Permanecia tantas horas no trabalho que eu não conseguia desfrutar de nada do que eu havia adquirido. Chegava em casa cansado e ia diretamente para o meu quarto. Passava semanas sem sequer entrar na sala da minha própria casa. Não desfrutava da minha família e não via importância em nenhum dos assuntos que viesse deles. Se eu fosse a algum local com a minha mulher, cada um de nós ia em seu próprio carro, pois eu naturalmente ia sempre direto do trabalho. Assim passavam as semanas e os meses, sem muito o que falar, sem muito contato, vivendo uma individualidade compartilhada. Passava meu tempo realizando as coisas automaticamente e comecei a não ver mais sentido na vida que eu levava.

Um dia, eu estava no meu trabalho e comecei a me sentir estranho. Larguei os papéis que tinha nas mãos, me levantei da cadeira, e, daquela altura de quarenta e oito andares, olhei pela janela e senti, por alguns segundos, que havia perdido a audição. Meus ouvidos estavam tapados, me senti um pouco tonto, mas logo passou. Afrouxei a gravata e, naquele momento, tive a sensação de ser um prisioneiro na fortaleza que eu mesmo havia construído. Essa sensação foi fugaz e ao mesmo tempo intensa. Quando voltei a me sentar na cadeira de meu escritório, olhei a pilha de papéis em minha mesa e tudo me parecia sem sentido, sem razão, apenas um montão de compromissos, que eram os ladrões do meu tempo de vida.

Não me sentia feliz e não via sentido na vida que eu vivia. Pensei que nunca poderia estar bem se continuasse nesse ritmo, querendo mais poder, mais dinheiro, mais luxo e beleza. Me dei conta de que nada daquilo nem me motivava nem me fazia estar melhor. Sentia um enorme vazio, uma dor no peito e uma profunda tristeza. Eu estava preso e trancado em um escritório blindado onde ninguém me ouvia.

Esse pensamento me consumiu até que resolvi sair dali e, sem terminar nada do que tinha para fazer naquele dia, sem avisar ninguém, entrei no meu carro e segui pelas ruas da cidade sem saber aonde ir nem o que fazer. Conduzi o carro sem rumo durante horas, até passar ao lado de uma montanha. Então lembrei que ali tinha um mirante que eu ia quando era adolescente. Segui pela velha estrada que levava até o topo da montanha e, chegando lá, parei o carro em um local onde se podia ver toda a cidade.

Continuei dentro do carro observando a paisagem e, ao olhar para o lado, vi, não muito longe de onde estava, um velho

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em outubro de 2019.